

Celebração de Santoro

Nahima Maciel

Foi em Paris, onde está radicado para estudar composição, que o maestro Matheus Avlis teve a ideia de criar um festival dedicado a Claudio Santoro. Ao realizar os passos do compositor na cidade francesa e ao aprofundar o estudo das composições do maestro, Avlis decidiu montar o Festival Claudio Santoro, que tem início hoje e segue até domingo com concertos e recitais espalhados pela cidade.

Organizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura, o evento terá sessões no Complexo Cultural de Samambaia, no Centro Cultural da Adunb e na Casa Thomas Jefferson, que recebem a Orquestra do Festival, formada por mais de 50 músicos residentes no DF, a mezzo soprano Denise de Freitas e o pianista Alessandro Santoro, filho de Claudio Santoro. “Estou pesquisando a obra composta quando ele estava em Paris, na década de 1950, mas antes de ir para a França passei pela Escola de Música de Brasília (EMB) e pela Universidade de Brasília (UnB), onde fiz mestrado. É um departamento fundado por ele. Meus professores na UnB foram alunos do Santoro. Além disso, eu sempre assistia aos concertos no Teatro Nacional com a orquestra fundada por ele”, conta Avlis, que também fez uma tese de mestrado sobre a obra do maestro. “É uma figura de muita importância para Brasília e para o Brasil e, no mundo, ele tem a importância, para a segunda metade do século 20, que tiveram Villa-Lobos e Carlos Gomes.”

A produção de Claudio Santoro cobre um período de mais de 50 anos durante os quais ele experimentou uma

DIVULGAÇÃO



Maestro Matheus Avlis organizou o Festival Claudio Santoro para tornar a música do compositor conhecida na capital que o músico ajudou a fundar

SERVIÇO

Festival Claudio Santoro 2026

Hoje, às 20h, concertos da Orquestra do Festival no Complexo Cultural de Samambaia. Amanhã, às 20h, na Casa Thomas Jefferson, recital Canções de amor — As Canções de Santoro e Vinicius de Moraes, com Denise de Freitas e Alessandro Santoro. Sábado, às 20h, no Centro Cultural da AdUnB, Concerto da Orquestra do Festival. Domingo, às 19h, na Casa Tomas Jefferson, recital Canções sem palavras — Peças inéditas para piano, com Alessandro Santoro

variedade enorme de gêneros e estilos. Referência do nacionalismo e do dodecafonismo na música brasileira, o maestro também foi politicamente ativo na crítica à ditadura. Com passagens pelos movimentos de vanguarda mais importantes da primeira metade do século 20 — no Brasil, fez parte do grupo Nova Música ao ser aluno de Hans-Joachim Koellreutter e em Paris, foi aluno de Nádja Boulanger —, Santoro faz parte do time de compositores que inventaram uma música brasileira

extremamente sofisticada e moderna. “Ele teve uma produção muito grande, com muitos gêneros e muitos estilos, sempre dialogando com as coisas mais atuais da época, com as ideologias e tecnologias. Ele foi moderno demais para a época dele, por isso sofreu perseguição da ditadura, porque era filiado ao Partido Comunista”, conta Avlis.

Parte dessa diversidade poderá ser conferida pelo público do festival especialmente nos recitais de Alessandro Santoro, que, com a cantora Denise de Freitas, apresenta o ciclo das Canções de Amor, uma parceria de Claudio com Vinicius de Moraes, e um conjunto de canções sem palavras, inéditas, que compilou enquanto organizava o material deixado pelo pai. “Desde que meu pai faleceu estou responsável pelo acervo dele. Lá em 2007 coloquei na ordem no catálogo e tinha separado em algum lugar umas coisas que não encaixavam em nenhum lugar, uma espécie de esboço. E nesses 30 anos lendo e editando a

música dele, o que não parecia inteligível começou a ficar mais decifrável. E na época da pandemia resolvi me aventurar e pensei: será que dá pra recuperar o que está escrito?”, conta. Alessandro gravou, ao piano, algumas dessas partituras e postou os vídeos no YouTube durante a pandemia.

No festival, as canções serão apresentadas de forma cronológica, uma maneira de convidar o público a compreender o desenvolvimento do pensamento musical do compositor. O pianista também reservou algumas surpresas para o público, como uma valsa escrita pela mãe, Gisèle Santoro, que morreu em outubro de 2025.

Claudio Santoro chegou a Brasília nos anos 1960 a convite de Darcy Ribeiro para fundar o departamento de música da UnB e ficou na cidade até 1965, quando a ditadura demitiu uma leva de professores considerados subversivos por não concordarem com o regime. O maestro voltou em 1979 e morreu no palco do Teatro Nacional, enquanto regia a orquestra fundada por ele.